



RECORTADAS CONTRA UM CÉU DE PINTURA, AS RUINAS DE SÃO MIGUEL EVOCAM UMA GRANDE ÉPOCA DO PASSADO.



MISSÕES

AS FABULOSAS RUINAS DE SÃO MIGUEL

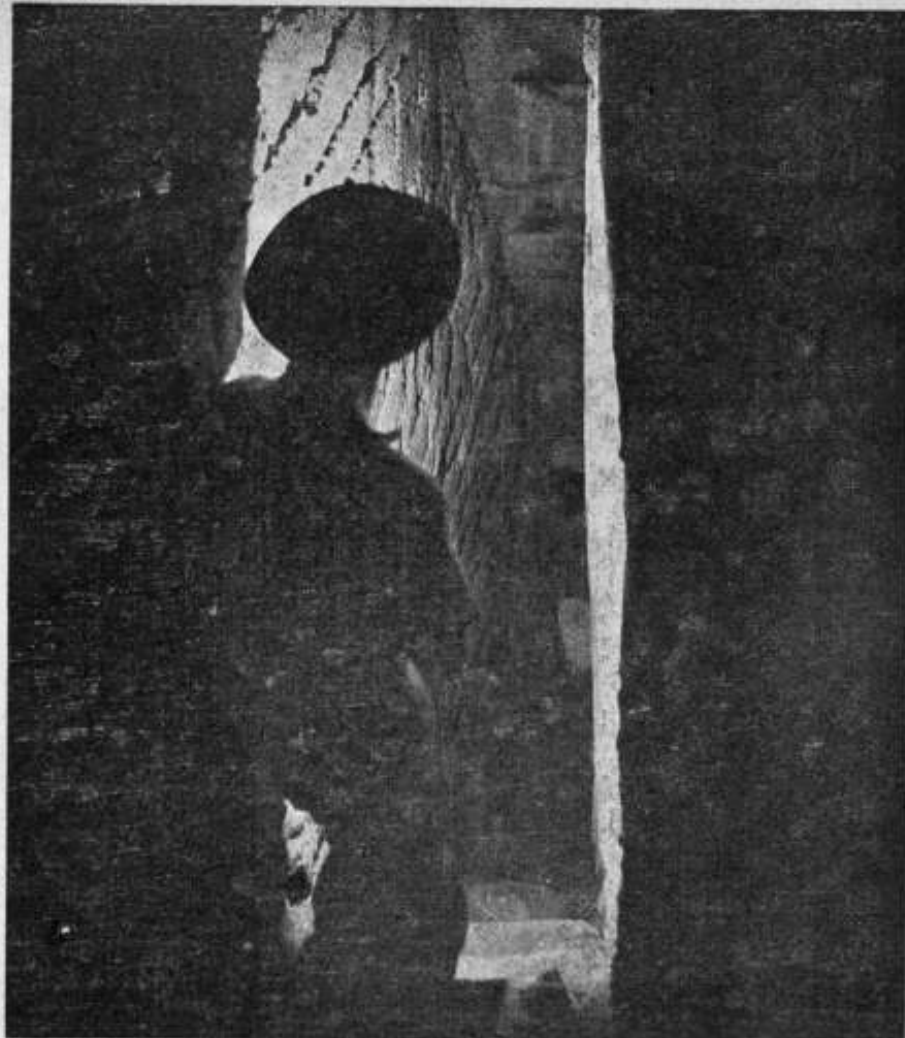
POR JOSÉ AMÁDIO E ED KEFFEL



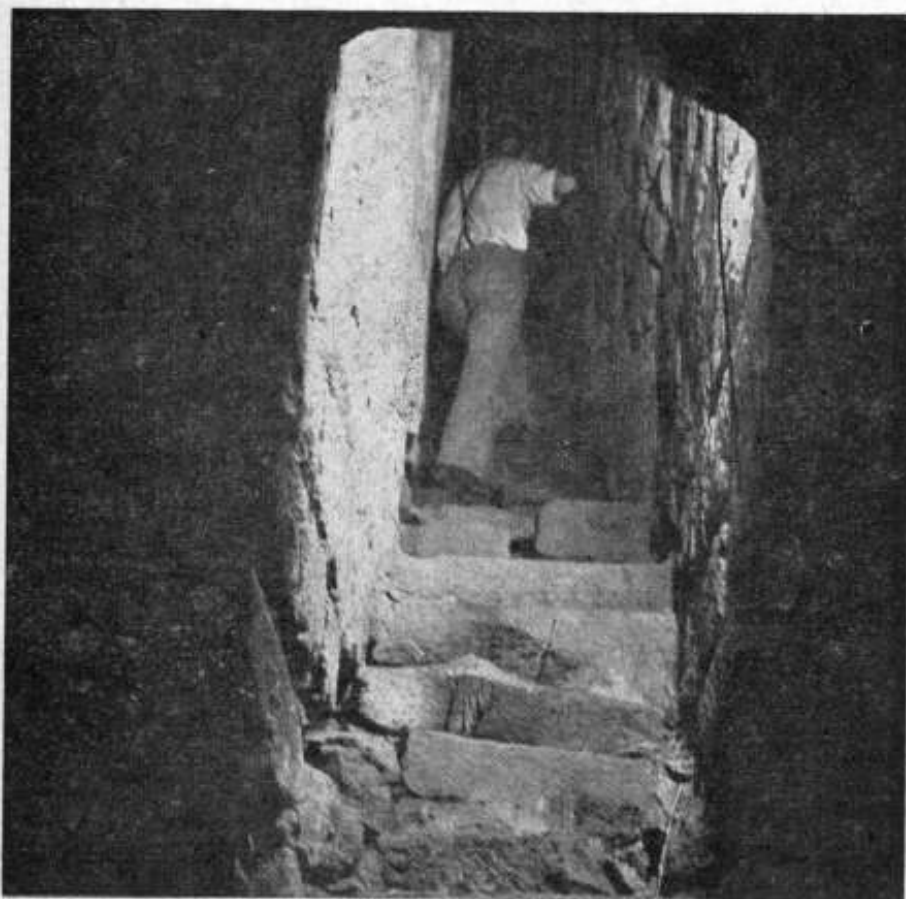
EM MEADOS do século passado a catedral de São Miguel já apresentava este estado. Ainda podia ver-se, no lado, parte do colégio dos jesuítas. Agora, a fachada principal desapareceu, bem como parte do enorme campanário.

SE as ruínas de São Miguel estivessem localizadas nos Estados Unidos, constituiriam, por certo, uma das grandes atrações turísticas do país. Mas, pobres delas, são brasileiras e como tal continuam esquecidas e desconhecidas através dos anos. Partindo do princípio de que "santo de casa não faz milagres", o rio-grandense prefere sonhar com as pirâmides do Egito. E é uma pena, porque as ruínas de São Miguel — localizadas no atual município de Santo Angelo, na região noroeste do Rio Grande do Sul — são extraordinariamente belas e imponentes. No museu que existe ao lado dessas ruínas, construído há alguns anos por um decreto do ex-ditador Vargas, exibem-se mais de cem imagens talhadas em madeira, autênticas obras de arte. Acontece que muitos dos missionários que se fixaram naquela região no século XVII e XVIII eram grandes artistas em suas pátrias, tendo ingressado na Companhia de Jesus e mais tarde viajado para a América do Sul. Eles ensinaram todas as artes aos indígenas. E mesmo em algumas imagens toscamente esculpidas, nas quais, segundo Angelo Guido, "já se nota apreciável habilidade técnica, sente-se que ao gosto barroco trazido pelos jesuítas vai misturando-se uma expressão do gosto ameríndio..." Por que tanta beleza, tanta obra-prima está perdida no meio do mato? Não sei. São dessas coisas inexplicáveis. Se ao menos construísem um hotel nas imediações das ruínas, seria possível a um maior número de pessoas entrar em contacto com essa arte tão rica.

Cont. na pág. seg.



ED Keffel viu-se mal para iluminar esta foto. Trata-se de um dos misteriosos "caminhos secretos" que correm pelo interior de algumas paredes laterais da outrora imponente catedral de São Miguel.



O ZELADOR João Hugo Machado conhece as ruínas como ninguém. Diz ele: "Assim como os jesuítas construíram estas passagens, devem ter construído subterrâneos". Mas onde estão eles!

Mas o objetivo desta reportagem não é reivindicar nem fazer história. Existe uma série de livros de fácil aquisição que narra tintim por tintim tudo o que se relaciona com os Sete Povos das Missões. Em geral são páginas de heroísmo, fé e grandeza. Entretanto, mesmo com a finalidade de mostrar apenas o que existe hoje de uma civilização avançadíssima que se desenvolveu quando o Rio Grande era selva quase virgem, convém um rápido histórico dos Sete Povos das Missões. Para tal, será interessante ceder algum espaço ao escritor Manoelito de Ornellas, cujo "pórtico" de seu inspirado livro "Tiaraju" informa o seguinte: "Numa larga faixa territorial do Rio Grande, banhada pelo rio Uruguai, floresceu no século XVII e até meados do século XVIII uma civilização que abrangeu, no seu admirável surto de conquistas, sete povos, sete reduções que se revestiram de templos majestuosos, grandiosos colégios, ruas amplas, praças, casas de tijolos e jardins com flores e frutos europeus que os barcos aventureiros traziam no dorso do Atlântico. Os habitantes dessa nação eram índios da grande família guarani, arrancados à barbárie, catequizados, e os obreiros dessa fixação do aborígene nômade à terra virgem, foram os padres missionários da Companhia de Jesus, artífices, construtores, pintores, músicos e, na sua grande maioria, espanhóis, italianos, neerlandeses, sicilianos, romanos, austríacos, flamengos. Trabalhavam a pedra de cantaria e levantavam igrejas alterosas, como a de São Miguel, cuja torre principal ainda resiste, de pé, como um documento vivo da época. Plantaram árvores frutíferas, fazendo pomares como o de Tupanciretã, que o Padre Antônio Sepp modelou aos Vergéis da Virgem no Tirol. Padre Cristóvão de Mendonza trouxe os primeiros rebanhos de gado vacum. Os campos receberam as primeiras sementes e o trigo, a vinha, o algodão e o fumo floresceram. Surgiram os primeiros teares. São Miguel se tornou o centro principal das Missões. Fabricava rendas, tapetes, sinos, relógios, alfaias, torbas, alauões e imprimia livros sagrados. Desdobrou-se a redução. E o Padre Sepp fundou a de São João Batista onde encontrou o ferro à flor da terra. Cozeu tijolos e construiu fornos. Fundiu ferro e malhou foices, lanças e machados. Ensinou os índios a cantar e fez grandes orquestras de charamelas, de pífanos de flautas, de clavicórdios... A fartura deu vida aos povos missioneiros. São Borja, São Luiz, São Miguel, São João Batista, São Lourenço, São Nicolau, Santo Ângelo... Ao lado dos templos solenes e ricos, erguiam-se os colégios. Naqueles, luziam velas de cêra e brilhava o ouro das imagens recordadas. Nestes, alfabetizavam-se os índios. A civilização missioneira em terras do Rio Grande germinou no sangue de Roque Gonzales, de João Castillo e de Afonso Rodrigues, padres Jesuítas do Paraguai que se jogaram, em 1618, pelas correntezas mansas do rio das frutas, à procura de novas terras e novos gentios à conquista da Cruz. Pereceram sob o tacape dos índios feticistas. Mas o coração de Roque Gonzales resistiu até mesmo à fogueira que lhe devorou o corpo. Ficou vivo e integral e está até hoje numa custódia de prata num templo de Buenos Aires. Todos os povos sujeitavam-se à tutela política e espiritual do Paraguai, como este se su-

Cont. na pág. 26



AO LADO da catedral, o cemitério de São Miguel. Com anos de
pois de abandonada a redução, famílias das redondezas resolveram

utilizá-lo. Hoje, o cemitério está novamente abandonado, mas ain-
da restam alguns túmulos do tempo da grande colonização...



CADA ângulo das ruínas oferece uma perspectiva de admirável beleza. Esta é uma das paredes, pelo interior da qual há um "caminho".



ESTA foto nos dá uma idéia das dimensões da catedral, cujas naveas abrigavam cerca de sete mil pessoas. Esta é a grande nave central.



QUEM construiu esta catedral foi Giovanni Primoli, que também trabalhou na Catedral de Córdoba.



CERTA vez um violento incêndio destruiu a sacristia de São Miguel. Então os jesuítas levantaram outra parede, desprezando a parte danificada.



EM 1735 o milanês Giovanni Primoli iniciou a construção da catedral, auxiliado por 1.000 índios guaranis. Em 1744 a obra estava concluída.



A CONHECIDA expressão gaúcha "santinho do pauão" teve origem nestas imagens articuladas.

bordinavam as ordens do Cabildo de Buenos Aires. Naquele tempo, Espanha e Portugal viviam em lutas sobre as fronteiras da América do Sul. Mas um dia os reinos de Lisboa e Castela resolveram pôr termo aos recintos de sangue. E firmaram um pacto. O Tratado foi assinado em Madrid no dia 13 de janeiro de 1750. E estabeleceu a permuta de territórios, corrigindo o impreciso Tratado das Tordesilhas. A Espanha recobrou o seu poderio sobre a Colônia de Sacramento, território que é hoje a República Oriental, enquanto Portugal recebia toda a faixa de terras aquém do Uruguai, constituídas dos Sete Povos civilizados pelos jesuítas. Os nativos deviam deixar seus amplos aldeamentos, com todas as construções e lavouras. Reagiram. E foi para cumprir esta cláusula do Tratado que ambos os reinos da Ibéria mandaram forças armadas às Missões Orientais. Na reação desesperada, surge um índio que conduziu seus irmãos: Sepé Tiraçu... Foi ele quem negou a entrada dos invasores nas Missões, dizendo-lhes 'Estas terras nós recebemos de Deus e São Miguel e só eles nos podem deserdar'...

Sepé Tiraçu foi o primeiro caudilho rio-grandense. Morreu em 7 de fe-

vereiro de 1756, na batalha de Caibortê, durante a primeira refrega com o inimigo. Pode-se dizer que com ele morreu uma cidade — São Miguel — que com toda a certeza hoje seria a maior da América do Sul. Exagêro? Ora, vejamos o que nos diz em seu livro "O Rio Grande do Sul" o escritor Wolfgang Hoffmann Harnisch: "... e não esqueçamos que tudo isto já existia numa época (1700) em que os grandes cavalheiros da Espanha moravam em casas feitas de barro e cobertas de palha, em Buenos Aires, capital e sede do governador e do poder executivo. E já naquele tempo os jesuítas começaram a queimar os primeiros tijolos..."

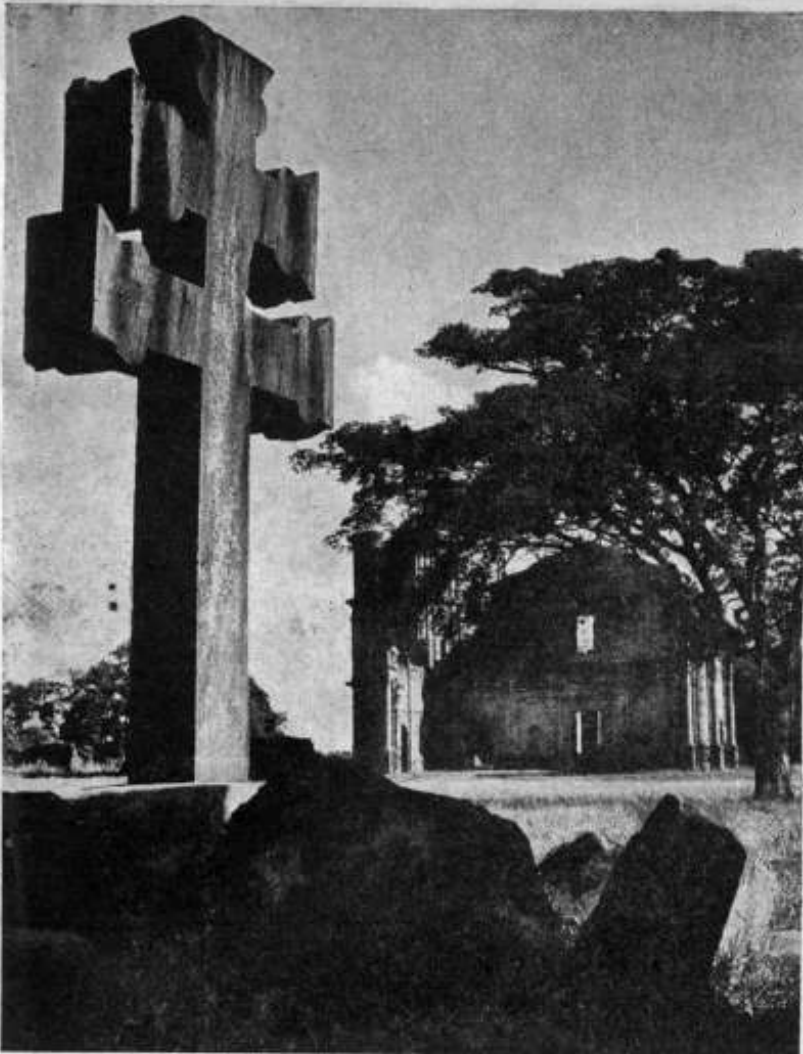
"ACABEMOS COM AS VELHARIAS"

Hoje é o dia da grande visita. Nosso fordeco rufa pela vermelha Estrada Federal que liga Santo Angelo a São Luiz — duas prósperas cidades rio-grandenses, com pouquíssimos vestígios de seu passado fabuloso. O "colégio" de São Luiz Gonzaga, construção que, depois da catedral de São Miguel, era a mais imponente dos Sete Povos, foi demolida há pouco tempo. Por quê? Para quê? Isso é segredo de estado. O edifício ainda

conservava-se firme depois de duzentos e tantos anos. Últimamente era uma espécie de quartel. Um dia, porém, resolveram "acabar com aquela velharia que enfejava a cidade". Seus capitéis monolíticos foram usados, parece, para guarnecer assoalhos. Outra parte do material foi para o edifício do cinema e outra parte para a reconstrução da igreja local. Nunca sube de maior grosseria. Foi como se o governo grego resolvesse utilizar as colunas do Partenon para levantar um trapiche ou coisa que o valha.

A todas essas, o fordeco acaba de enveredar por uma estrada lateral de sete quilômetros que nos levará às ruínas de São Miguel. Sei que grande parte dessas ruínas — colunas, capitéis e grandes pedras de alicerces — foi vendida como "material usado" para a construção de muros e casas. Muitas das colunas de São Miguel foram utilizadas na construção da Prefeitura de Santo Angelo e se a gente acreditar nas conversinhas, até a prefeitura de Porto Alegre foi agraciada com as tais colunas, que se encontram recobertas por uma grossa camada de rebócio. Uma maravilha de respeito histórico e de compreensão artística... Contudo, sinto-me pesso-

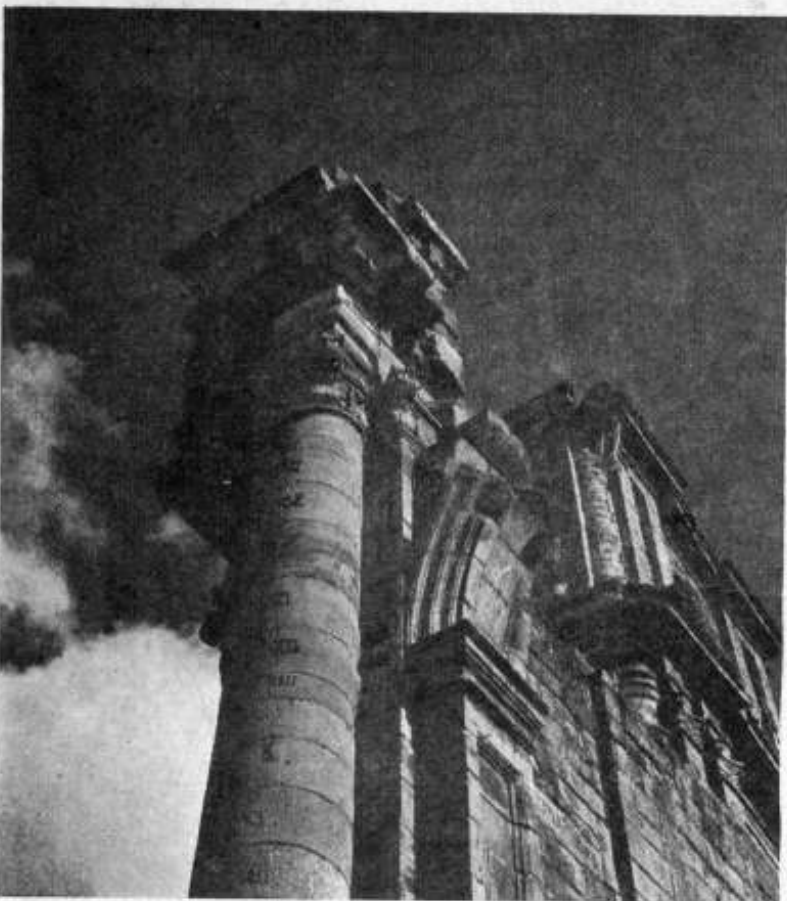
(Cont. na pág. 28)



ESTA é a famosa "Cruz das Missões", talhada em pedra grã. Ela era de São Lourenço e mais tarde foi guardada em Santo Ângelo.



HÁ muitos anos, as partes mais importantes da catedral foram desmontadas e utilizadas na construção de edifícios, muros, etc...



PARA libertar as ruínas da vegetação, foi necessário desmontar parte das paredes e colunas, as quais receberam numeração à piche...



NESTE campanário, um enorme sino (ele foi encontrado há pouco no Rio de Janeiro e agora está no museu) chamava os fiéis à oração.



OS jesuítas produziram quase todas as verdadeiras obras de arte



que apareceram no século XVII e parte do século XVIII na região de La Plata. Mas talvez as mais



preciosas tenham sido as que criaram nas Missões. A prova está nestas imagens de madeira...

nagem da história. Procuro recuar no tempo, enquanto avançamos. Imagino a surpresa dos índios guaranis se na grande época das missões irrompe-se de súbito, em São Miguel, o nosso fordeco e do seu interior saltassem dois intrusos, um de máquina fotográfica em punho e o outro com cara de pandorga. Replicariam os sinos em sinal de alegria ou seríamos sumariamente condenados à fogueira?

Parecerá coisa de folhetim dizer que estou emocionado. Mas estou. Olhando a paisagem nua a nossa volta, tudo me parece sagrado. Há mesmo aqui um certo ar gelado que envolve e oprime a gente. E os menores sons parecem se reproduzir até o infinito. Respirando bem fundo, posso sentir o cheiro forte do rio Uruguay, essa lendária massa d'água que até agora não foi desencantada e encerra segredos mil.

O QUE SOBROU...

Finalmente vejo o contorno das ruínas de São Miguel a se desenharem contra um horizonte de chumbo. O céu está carrancudo — creio que teremos tempestade. Conservo-me silencioso como as pedras do caminho. O que dizer numa ocasião assim? Como coordenar e especificar os sentimentos? A sensação é de que se está ingressando num país encantado. E me pergunto quantas das lendas que correm a respeito de São Miguel serão verdadeiras, e quantas das consideradas "verdades históricas" serão lendas.

Passamos diante de uma vendinha com alguns ranchos em volta — quatro ou cinco. Aqui é a sede do distrito de São Miguel. E até parece mentira que esta venda e estes ranchinhos seja tudo o que resta da cidade que hoje seria a maior da América do Sul.

Chegamos ao museu. Ele apresenta o mesmo estilo arquitetônico: simples e liso usado pelos missionários. E a casa do zelador, reprodução exa-

ta das moradias dos jesuítas, não tem uma única janela exterior, parecendo fortaleza de deserto, com seu pátio interno e um poço central. O zelador vive aborrecido por causa disso. Seu grande problema é morar numa casa sem janelas. Diz que os jesuítas temiam os gatunos e por causa disso ele está pagando o pato.

— Gatunos naquela época? — pergunto.

Ele faz que sim com o beico.

Na minha frente, um grande quadrado de relva. Aqui localizava-se a praça principal da mais poderosa redução da zona. Nesta praça, milhares de indígenas festejavam os dias santificados, divertiam-se e talvez aqui tenham sido abençoados antes da última batalha que travaram pela defesa do seu território. Diante da praça, as ruínas da catedral. Que maravilha. Sinto vontade de pular feito cabrito. E o mesmo desejo deve ter sentido Hoffmann Harnisch quando aqui esteve. Eis o que ele escreveu: "... e estou como extasiado!... a fachada da catedral me fascina e prende pela sua imponente abundância em contornos arquitetônicos de toda a espécie. É preciso tempo para a gente orientar-se por entre a infinidade de colunas e pilastras, bases e capitéis, espirais e ornamentos variados. À esquerda, levanta-se o campanário de paredes rachadas, onde os sinos outrora se balançavam nas aberturas das janelas, e em cuja parte frontal existia antigamente um relógio artístico. A fachada interior, pois a exterior já desapareceu há

Continúa na Pág. 73



ESTE santo estava em poder da mesma família há 100 anos. Revê-lo foi uma aventura.

... "E o Faraó vestiu José com roupas de Puro Linho"



COMO suprema honraria, "Faraó vestiu José com roupas de puro linho" (Gênesis XLI-42) para comemorar a interpretação do sonho das vacas gordas e magras. Encontramos na Bíblia inúmeras referências a "roupas de linho inconsútil", testemunho da importância que os egípcios emprestavam à fiação e à tecelagem do linho. Plínio conta que a túnica do Rei Amrasis I possuía 365 fibras distintas. Embora os egípcios tenham sido hábeis fiadores e tecelões, não podem ser comparados aos teares da indústria moderna e aos padrões de uniformidade e excelência estabelecidos e mantidos, por muitas gerações, pelos membros do Irish Linen Guild, cuja estampa é sua garantia de perfeição; por isso dizemos com toda sinceridade

Exija Linho Irlandês!

Para informações, dirija-se à
Av. Rio Branco, 4-13 - Tel. 23-2030 - Rio de Janeiro



MISSÕES

(Cont. da pág. 28)

muito tempo, se eleva em forma de espigão e termina em duas enormes volutas, que se juntam no alto, servindo de base a uma cruz dourada, hoje desaparecida. À direita e à esquerda da cumeeira, as paredes, que outrora formaram as partes laterais do pátio do templo, se levantam livremente. Elas representam, do ponto de vista arquitetônico, a parte mais preciosa das ruínas. Nestas paredes vemos grande número de meias-colunas, com abundância de capitéis compostos, enfeitadas com volutas e folhas de acanto. Na parte superior terminam os restos ainda existentes da arquitrafe ricamente talhada. Uma das particularidades dessa construção consiste no fato de repousar inteiramente sobre pilares, ornamentados com meias-colunas e pilastras, sem entretanto existir nenhuma coluna independente que suporte algum peso, seja no interior ou exterior. Segundo os elementos do estilo, a catedral pertence, sem dúvida alguma, à renascença italiana mais recente. Sua configuração é das mais originais, pois, em conjunto, assemelha-se mais a um castelo religioso do que a uma catedral. O material é a pedra de cantaria vermelha, ligada por meio de ácido silíceo, em cuja superfície brilham e faiscam as lâminas de quartzo. Os blocos foram superpostos pelos operários, sem nenhuma liga de cal, porque, na época da construção do templo admirável, não haviam encontrado ainda nenhum depósito desse material em toda a área ocupada pelas reduções...

Depois que os habitantes de São Miguel foram obrigados a atravessar o Uruguai, a catedral ficou abandonada e, com o correr dos anos, completamente invadida pelo mato, e as raízes abriram brechas nas paredes. Nos fins do século passado, estava em petição de miséria. Finalmente, para libertar os muros da invasão vegetal, foi necessário deslocar partes inteiras das paredes externas. Numeraram pedra por pedra com grandes algarismos de piche. E hoje, algumas paredes e colunas estão felamente borradas, parecendo tábuas de logaritmos. Mas antes disso do que nada. Esperar que fizessem algo perfeito, seria querer demais.

OS CAMINHOS SECRETOS

Enquanto Ed fotografa as imagens do museu, perco-me no interior das ruínas. O zelador me avisou que tivesse cuidado com os marimbondos e as cobras. Logo, descubro uma parede lateral perfurada por uma escada de pedra. Avango por ela, como para a mais extraordinária das aventuras. Tudo agora está escuro. Parece que o mundo deixou de existir. Quanto mais subo, mais escuro. E agora, céus, o que é isso? Um tatarlar medonho e sinto que algo viscoso roça meu rosto. Morcegos! Declaro solenemente que estou arrepiado... e subindo a escada aos pulos. Finalmente, alcanço o cimo da fachada interna, a muitos metros do solo e dali percorro todas as paredes, todas as escadas, numa deliciosa desorientação. O campanário ainda está de pé e espiando por dentro dele, vejo umas nuvens correndo apressadas, como se tivessem encontro marcado com algum amante carinhoso.

Lá embaixo estão as três naves. Que grandiosidade! A catedral abrigava em seu interior mais de sete mil pessoas. E é fácil a gente ver tudo, agora: os padres, os índios em oração, as imagens de ouro (em que anéis e pulseiras ter-se-ão transformado?), os vitreaux... O grande sino fundido na redução de São João Batista está replicando. Acaba de chegar uma grande comitiva para a festa de domingo, e indíazinhas de olhos cômicos espiam num susto. Em qualquer lugar da praça, um índio velho chama seu neto desobediente. Um cacique está ajoelhado no confessionário...

Que festa para a imaginação!

PRAGA DE URUBU

A tempestade desaba com violência e nos obriga a buscar refúgio no museu. Aproveito para conversar com João Hugo Machado, o zelador. Ele tem uma cara de conta-góts e uma história para contar. É um bom homem, vê-se logo, e bem-educado. Possui uma fábrica de clina vegetal em Lajeado e depois uma sapataria. Mas em 1938, quando o engenheiro Fernando Hartman veio do Rio para reconstruir parte da fachada da catedral, Hugo o acompanhou. E aqui ficou. Trouxe a família e vive feliz... descontando o problema das janelas. Diz que é católico "apenas para o uso caseiro". Gosta muito do seu trabalho e orgulha-se do que já fez até hoje pelas ruínas.

Cont. na pág. seg.